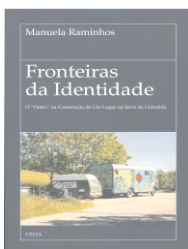




Grândola

PUBLICAÇÕES

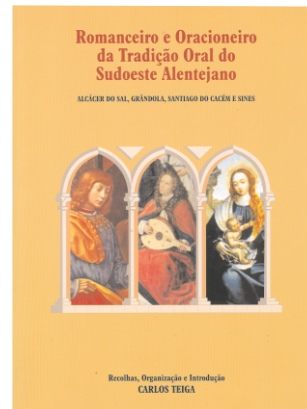
Na continuação do que vem sucedendo em anos anteriores, em 2005, o Município de Grândola apoiou a publicação de trabalhos que, directa ou indirectamente, se reportam ao Concelho e às suas gentes. De entre os trabalhos apoiados, cumpre destacar:



Fronteiras da Identidade, de Manuela Raminhos. Do âmbito da Antropologia Social, tem como tema a interacção social entre os habitantes de Santa Margarida da Serra (os “margaridos”) e os estrangeiros (os “alemões”) que vieram viver para os montes da freguesia.



Tributo a José Afonso é uma brochura sobre a vida do cantor, elaborada por técnicos do Município, e distribuída durante a exposição com o mesmo nome, realizada em Grândola, entre 8 de Abril e 7 de Maio.



Romanceiro e Oracioneiro da Tradição Oral do Sudoeste Alentejano, da responsabilidade de Carlos Teiga, é, como o nome o indica, uma recolha sobre as tradições orais dos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago de Cacém e Sines.

Além destas publicações, o Município adquiriu algumas dezenas de exemplares dos seguintes livros: **Filhos do Tempo**, de António Gamito Chainho e **O Saudoso Tempo do Fascismo**, de Helder Costa.

INFORMAÇÕES

No âmbito das actividades culturais promovidas e/ou apoiadas pela Câmara em 2005, nas cinco freguesias do Concelho, cumpre destacar as seguintes:

Freguesia de Grândola

- Desfile de Carnaval das Escolas
- Dia Internacional da Mulher
- Festival de Folclore do Rancho Folclórico “5 Estrelas de Abril”
- Tributo a José Afonso
- Comemorações do 31º Aniversário do 25 de Abril
- Encontro de Grupos Corais do Grupo Coral e Etnográfico da Cooperativa de Consumo
- Festa da Nossa Senhora da Penha
- Feira da Criança
- Rota das Tabernas
- Festival de Folclore do Rancho Folclórico Danças e Cantares “Os Rurais de Água Derramada”
- Festa da Aldeia Nova de S. Lourenço - Canal Caveira
- Feira de Agosto
- Comemorações do Dia do Concelho - Outubro
- Encontro de Bandas Cívicas da Sociedade Musical

Fraternidade Operária Grandolense
Feira do Livro

Freguesia de Melides

- Festival de Folclore da Queimada - Valinho da Estrada do Grupo de Dança Típica da Queimada
- Festa de N. Senhora do Rosário
- Feira de Melides

Freguesia de Santa Margarida Serra

Festa da Serra

Freguesia do Carvalhal

- Festas de S. Romão
- Festa da N. Senhora do Rosário da Tróia

Freguesia de Azinheira de Barros

Festa da N. Senhora da Conceição

No domingo de 17 de Maio de 1964 José Afonso é convidado para cantar na Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense num espectáculo “*de fino gosto musical*”, que a sociedade leva a efeito em continuação dos festejos do seu 52º aniversário. O espectáculo, que o cartaz promocional garante que deliciará o público, apresenta na 1ª parte Carlos Paredes e Júlio Abreu em “Variações à Guitarra” e na segunda parte o Dr. Zeca Afonso acompanhado de Rui Pato, interpretando Baladas e Canções de Coimbra. No pequeno texto de apresentação refere-se que o Dr. José Afonso “*embora mantendo ainda nas suas canções os sentidos musical e interpretativo de Coimbra (...) revela-se um inovador*”. Acrescenta-se ainda que “*através das suas belas e estranhas baladas perpassa todo o sentido poético-trágico da sensibilidade do nosso povo*”, afirmando-se convictamente que “*Pela primeira vez, através deste cantor-poeta de temática eminentemente popular, a canção portuguesa encontra um caminho certo*”. A sessão em Grândola foi, por diversas razões, marcante na vida de José Afonso. Eis como ele a conta, anos mais tarde, a José Salvador: “*Naquela altura enfiava-me nos buracos que me aparecessem no meio de bailes, casamentos, cantava por minha conta e risco. Respondia pelos meus actos. As coisas vão tomando corpo quando recebo um convite da Música Velha de Grândola, assinado pelo Zé da Conceição, que estava ligado ao teatro local orientado pelo Hélder Costa (...) Fiquei brutalmente satisfeito com o convite para cantar na Música Velha. Meti-me no comboio com a Zélia e aí encontro-me com o Carlos Paredes que também tinha sido convidado. Foi a primeira vez que conheci o Paredes e então fiquei extremamente impressionado com a colectividade: num local obscuro, quase sem estruturas nenhuma, com uma biblioteca de evidentes objectivos revolucionários, uma disciplina generalizada e aceite entre todos os membros, o que revelava já uma grande consciência e maturidade políticas. Nem cheguei a conhecer quem era o director, quem era afinal o fiscal, mas tudo aquilo corria sobre rodas. Foi nestas circunstâncias que conheci o Zé da Conceição, que me impressionou assim como os seus colaboradores. O meu contacto com a Música Velha antes de ir para África foi extremamente importante e foi a partir daí que fiz a “Grândola, Vila Morena”, pequena homenagem à Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense.(...)”.*

No espectáculo, José Afonso canta pela primeira vez “Cantar Alentejano”, uma canção feita na véspera do espectáculo e que, conforme refere numa carta aos pais, dias depois da passagem por Grândola, era “*uma espécie de evocação da terra alentejana e do seu símbolo ainda vivo na lembrança do homem do povo: Catarina Eufémia, uma ceifeira de Baleizão morta pela Guarda Republicana em circunstâncias que forneceriam matéria para uma canção de gesta*”. O poema da canção, para além de conter um dos inícios mais bonitos da história da música portuguesa (“Chamava-se Catarina, o Alentejo a viu nascer...”) é uma das mais fortes acusações à política da ditadura, encerrando ao mesmo tempo uma clara mensagem de esperança e um apelo à resistência (“Quem viu morrer Catarina, não perdoa a quem matou...”)

Na carta que escreve aos pais José Afonso dá conta de quanto a passagem por Grândola o marcou. “*Eu e a Zélia estivemos em Grândola numa sociedade operária. Ai actuámos, eu e o Paredes (...) no meio de uma assistência atenta e compenetrada, toda ela de operários e mulheres de xaile e lenço (...)*. Afirma convictamente que “*Se alguma vez tiver de deixar esta terra, é a lembrança destes homens que conheci em Grândola e noutros lugares semelhantes que me fará voltar*”. Descreve aos pais a colectividade: “*A sociedade grandolense é um casinhoto antigo com meia dúzia de divisões, uma orquestra, um grupo cénico e uma biblioteca. A direcção, toda ela constituída por operários, já promoveu a realização de palestras e concertos em que colaboraram o Alves Redol, o Romeu Correia, o Lopes Graça e o Rogério Paulo. As autoridades não só lhes têm recusado o mínimo apoio como têm entravado outras tantas iniciativas do género (...)*”.

A 21 de Maio José da Conceição recebe, também, uma carta de José Afonso. Nela o cantor junta um poema dedicado a Grândola, que é lido em sessão pública, na mesma sala onde foi realizado o espectáculo, no dia 31 de Maio. Deste modo os presentes escutam, pela primeira vez: “*Grândola Vila Morena/Terra da Fraternidade/O Povo é quem mais ordena/Dentro de ti ó cidade/Em cada esquina um amigo/Em cada rosto igualdade/Grândola Vila Morena/Terra da Fraternidade/Capital da Cortesia/Não se teme de oferecer/Quem for a Grândola um dia/Muita coisa há-de trazer*”.

Esta foi a primeira versão da letra da que mais tarde seria a canção que serviu de senha à Revolução de 25 de Abril, e que universalizou o nome de GRÂNDOLA, que ora lhe prestou mais uma grande e merecida homenagem.